



B1

ISSN: 2595-1661

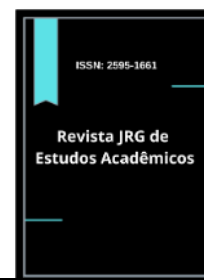
ARTIGO DE REVISÃO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portal.periodicos.capes.gov.br/)

## Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



### Terapias complementares e alternativas: uma abordagem no transtorno do espectro autista

Complementary and alternative therapies: an approach to autism spectrum disorder

DOI: 10.55892/jrg.v7i15.1541

ARK: 57118/JRG.v7i15.1541

Recebido: 06/11/2024 | Aceito: 07/11/2024 | Publicado on-line: 08/11/2024

**Izabely Cristiny Fernandes de Oliveira<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0009-0006-3652-4852>

<http://lattes.cnpq.br/3117590232183829>

Faculdades Integradas IESGO, Formosa-GO, Brasil

E-mail: izabelycristiny3@gmail.com

**Ronney Jorge de Souza Raimundo<sup>2</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-1379-7595>

<http://lattes.cnpq.br/7523460530618826>

Faculdades Integradas IESGO, Formosa-GO, Brasil

E-mail: ronney.jorge@gmail.com

**Keite Oliveira de Lima<sup>3</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-1208-960X>

<http://lattes.cnpq.br/9081471608038579>

Faculdades Integradas IESGO, Formosa-GO, Brasil

E-mail: ftkeite@gmail.com



### Resumo

**Introdução:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é uma condição complexa cuja fisiopatologia ainda não é completamente compreendida, mas que é caracterizada por fatores genéticos e ambientais que podem afetar o desenvolvimento cerebral, tradicionalmente, o tratamento do TEA envolve terapias convencionais, como terapia ocupacional, de fala e intervenções comportamentais, que buscam desenvolver habilidades sociais e comunicação, fazendo com que a medicina complementar e alternativa (CAM) ganhe espaço como uma abordagem para complementar ou reduzir a dependência de tratamentos farmacológicos. **Objetivo:** o trabalho tem como objetivo explorar a relevância das terapias complementares e alternativas (CAM) no tratamento de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), discutindo seus potenciais benefícios em conjunto com a medicina convencional para melhorar a qualidade de vida desses pacientes. **Metodologia:** a metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica, com buscas nas bases de dados PubMed e BVS entre 2008 e 2023, em artigos nos idiomas português, inglês e espanhol, a seleção dos estudos rigorosos critérios rigorosos, resultando em sete artigos que atendem a todos os critérios, sendo analisados qualitativamente, categorizando como terapias em mente-corpo, ocupacionais e outras, com foco na eficácia e segurança. **Resultados:** os resultados indicam que as terapias CAM possam melhorar a qualidade de vida dos

<sup>1</sup> Graduanda em Fisioterapia pela Faculdades Integradas IESGO

<sup>2</sup> 2 Doutorado e mestrado em ciências da saúde pela UnB, docente em ensino superior.

<sup>3</sup> Especialização e Mestrado em ciências da saúde pela UnB, docente em ensino superior

indivíduos com TEA, a escassez de estudos robustos limita a validação científica dessas práticas. Portanto, o artigo enfatiza a necessidade de mais pesquisas para consolidar o uso dessas terapias como parte de um tratamento integrado e eficaz para pessoas com autismo, respeitando as especificidades individuais e com a orientação adequada de profissionais de saúde. **Discussão:** o trabalho destaca que, apesar do crescente interesse pelas terapias complementares e alternativas (CAM) no tratamento do TEA, ainda há uma escassez de estudos robustos que comprovem sua eficácia de forma conclusiva. Observa-se que muitas famílias buscam essas terapias para melhorar a qualidade de vida das crianças com TEA, especialmente como um complemento aos tratamentos convencionais e uma forma de evitar os efeitos adversos dos medicamentos. **Conclusão:** esta revisão bibliográfica foi realizada com intuito de destacar a crescente relevância das terapias complementares e alternativas no tratamento de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Embora o tratamento tradicional, focado em terapias convencionais como a terapia da fala, ocupacional e intervenções comportamentais, continue sendo a abordagem padrão, a busca por tratamentos complementares necessita de uma abordagem mais personalizada, sendo também uma forma de somar com o uso de medicações.

**Palavras-chave:** autismo. terapias complementares. medicina alternativas e intervenções complementares.

### **Abstract**

**Introduction:** Autism Spectrum Disorder (ASD), is a complex condition whose pathophysiology is not yet completely understood, but which is characterized by genetic and environmental factors that can affect brain development, traditionally, the treatment of ASD involves conventional therapies, such as occupational therapy, speech and behavioral interventions, which seek to develop social and communication skills, making complementary and alternative medicine (CAM) gain space as an approach to complement or reduce dependence on pharmacological treatments.

**Objective:** The work aims to explore the relevance of complementary and alternative therapies (CAM) in the treatment of individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD), discussing their potential benefits in conjunction with conventional medicine to improve the quality of life of these patients. **Methodology:** the methodology used was a literature review, with searches in the PubMed and BVS databases between 2008 and 2023, in articles in Portuguese, English and Spanish, the selection of studies rigorous criteria, resulting in seven articles that meet all criteria, being analyzed qualitatively, categorizing as mind-body, occupational and other therapies, with a focus on efficacy and safety. **Results:** the results indicate that CAM therapies can improve the quality of life of individuals with ASD, the scarcity of robust studies limits the scientific validation of these practices. Therefore, the article emphasizes the need for more research to consolidate the use of these therapies as part of an integrated and effective treatment for people with autism, respecting individual specificities and with the appropriate guidance of health professionals. **Discussion:** the study highlights that, despite the growing interest in complementary and alternative therapies (CAM) in the treatment of ASD, there is still a lack of robust studies that conclusively prove their effectiveness. It is observed that many families seek these therapies to improve the quality of life of children with ASD, especially as a complement to conventional treatments and a way to avoid the adverse effects of medications. **Conclusion:** this literature review was carried out in order to highlight the growing relevance of complementary and alternative therapies in the treatment of individuals with Autism

*Spectrum Disorder (ASD). Although traditional treatment, focused on conventional therapies such as speech therapy, occupational and behavioral interventions, remains the standard approach, the search for complementary treatments requires a more personalized approach, and is also a way to add to the use of medications.*

**Keywords:** *autism. complementary therapies. alternative medicines. and complementary interventions.*

## 1. Introdução

A fisiopatologia do transtorno do espectro autista (TEA) é uma condição complexa cuja fisiopatologia não é completamente conhecida, porém é definida por um conjunto de fatores e alterações podendo ser metabólicas, mitocondriais, imunológicas, inflamatórias e comportamentais, afetando diversas áreas do organismo do indivíduo (KLEIN *et al.*, 2016). Podendo ser desencadeado por uma combinação de fatores genéticos e ambientais, os quais, em conjunto, podem levar a alterações no desenvolvimento cerebral e mutações genéticas que podem ocorrer durante os primeiros estágios de desenvolvimento fetal.

Nos últimos anos, a incidência dessa patologia aumentou para aproximadamente uma em cada 68 crianças, afetando com maior frequência meninos do que em meninas, sendo uma proporção de cerca de quatro vezes e meia mais propensos a receberem o diagnóstico do que as meninas. Esse aumento na incidência do TEA provavelmente ocorreu devido a uma variação de fatores como: aumento nos números de pesquisas e estudos sobre o transtorno, melhoria no acesso aos serviços de saúde, critérios diagnósticos mais amplos, maior exposição a toxinas ambientais, problemas de nutrição, estresse durante a gravidez, obesidade materna e um aumento das mutações genéticas associadas à idade avançada dos pais (KLEIN *et al.*, 2016).

Estudos indicam que dentre os tratamentos eficientes para o transtorno do espectro autista envolvem uma combinação de programas educacionais especializados com suporte adicional, além de terapias focadas no desenvolvimento da comunicação, como a terapia de fala e linguagem, e o reforço de habilidades sociais junto a intervenções comportamentais. Outras abordagens, como a terapia ocupacional e a fisioterapia, também podem ser benéficas, especialmente ao tratar dificuldades associadas à coordenação motora e aos déficits sensoriais. A medicina complementar e alternativa (CAM) muitas das vezes é vista como uma opção “natural”, sendo percebida como livre dos efeitos adversos dos tratamentos médicos tradicionais (LEVY; HYMAN., 2008).

A medicina complementar e alternativa é definida como práticas não tradicionais que são utilizadas em conjunto com os tratamentos da medicina convencional (URINOVSKY e CAFIERO., 2022). Esses tratamentos terapêuticos convencionais geralmente focam em melhorar as funções ou redução dos sintomas causados pela doença, dentre eles, destacam-se a terapia da fala, que visa aprimorar os déficits de linguagem, e a terapia ocupacional, voltada para o desenvolvimento de habilidades motoras, de autocuidado e a abordagem de questões sensoriais nas crianças. (HOPF, MADREN e SANTIANNI., 2016).

O uso de terapias complementares como forma de tratamento pode substituir ou somar com uso de tratamentos farmacológicos, sendo assim essas alternativas de tratamento para autismo podem ser relevantes e significativas para que o paciente não dependa apenas de medicamentos (MONDAL *e tal.*, 2023). Independente do diagnóstico clínico do paciente, os profissionais de saúde podem sugerir a integração

de práticas complementares de tratamentos, como: estilo de vida saudáveis, atividade física, sono adequado, manejo do estresse, suporte social e a prevenção da exposição a toxinas, yoga, fisioterapia, manipulação quiroprática, musicoterapia, neuro feedback entre outras. Porém dentre essas diversas terapias aplicadas ao tratamento TEA, poucas possuem evidências que comprovem sua total eficácia e segurança, dado que o TEA se manifesta de maneiras variadas, esses tratamentos podem se adaptar ao perfil de cada paciente precisando ser personalizados de acordo com suas necessidades (KLEIN *et al.*, 2016).

O desempenho desse tipo de tratamento é um papel crucial na melhoria da qualidade de vida de crianças com autismo, aumentando as chances de um prognóstico positivo. Essas práticas são essenciais para ajudar no controle e na redução dos sintomas do TEA, abrangendo diferentes abordagens pedagógicas e terapêuticas não verbais. Entre elas, destacam-se a música (como a musicoterapia e o ensino musical), o uso de brinquedos (ludoterapia), o trabalho corporal (psicomotricidade), a dança (dançaterapia), e terapias assistidas por animais, como a equoterapia (com cavalos) e a cinoterapia (com cães), além de atividades físicas, que favorecem o desenvolvimento da coordenação motora e das habilidades cognitivas (VIANA *et al.*, 2020).

Famílias de crianças com TEA optam pelo tratamento com terapias complementares e alternativas por diversas razões e para ajudar na complementação do seu tratamento clínico, embora muitas relatem o uso dessas terapias para a manutenção geral da saúde, também mencionam utilizá-las para lidar com uma série de sintomas específicos, como alterações de humor, agressividade, irritabilidade, hiperatividade, falta de atenção, problemas gastrointestinais e dificuldades relacionadas ao sono (AKINS *et al.*, 2010). As terapias complementares também promover estímulos a autonomia, assim como as terapias mente-corpo que oferecem uma conexão mente-corpo-saúde auxilia na integração das atividades sociais, diárias, inclusão e vínculo familiar (VIANA *et al.*, 2020). E mesmo que ainda seja restrita a quantidade de opções oferecidas pelo modelo médico convencional, muitos pais optam pela terapia complementar e alternativa, na esperança de promover melhorias na saúde, na capacidade e no funcionamento de seus filhos.

Sendo de conhecimento geral o aumento na prevalência do TEA, o objetivo desse artigo é abordar a importância e necessidade da integração de terapias complementares e alternativas combinadas com a medicina tradicional, como forma de tratamento da doença e os benefícios que elas promovem na vida de um indivíduo portador de transtorno do espectro autista.

## 2. Metodologia

Este estudo é uma revisão bibliográfica sobre o uso de terapias complementares e alternativas no tratamento de indivíduos com transtorno do espectro autista (TEA). As pesquisas foram realizadas nos bancos de dados PubMed e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), com critérios para seleções: data de postagem entre 2008 e 2023, nos idiomas de português, inglês e espanhol e que abordassem intervenções terapêuticas complementares e alternativas como tratamento para o autismo. Os descritores utilizados na pesquisa foram: “autismo”; “terapias complementares”, “medicina alternativas” e “intervenções complementares”.

Os estudos foram inicialmente escolhidos por título e resumo, a fim de eliminar todos aqueles que não correspondiam aos critérios de inclusão. Em seguida os artigos escolhidos foram analisados para obter informações sobre os tipos de

terapias utilizados, a população estudada, os métodos de avaliação, resultados e a eficácia das intervenções.

Dos 134 artigos identificados, 29 foram selecionados, mas somente 7 atenderam todos os critérios relevantes para o estudo. A análise focou especificamente em artigos que abordaram relevância e eficácia, dando atenção a qualidade dos métodos aplicados e resulta dos obtidos, de forma qualitativa sendo agrupadas em categorias como: terapias mente-corpo, terapia ocupacional, fisioterapia e etc.

Os resultados obtidos foram detalhados com base nas evidências e a eficácia dos tratamentos com terapias complementares e alternativas integradas ao autismo e permitiu reunir informações sobre a importância das mesmas para auxiliar no indivíduo portador dessa patologia, além de contribuir para o conhecimento geral e melhoria no acesso de estudos sobre esse tema.

### 3. Resultados

Esta revisão bibliográfica foi realizada com intuito de destacar a crescente relevância das terapias complementares e alternativas no tratamento de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Embora o tratamento tradicional, focado em terapias convencionais como a terapia da fala, ocupacional e intervenções comportamentais, continue sendo a abordagem padrão, a busca por tratamentos complementares necessita de uma abordagem mais personalizada, sendo também uma forma de somar com o uso de medicações.

De acordo com o autor KLEIN et al., (2016). Foram pesquisadas e estudadas diversas intervenções terapêuticas complementares e alternativas para tratar o Transtorno do Espectro Autista (TEA), dessa forma o autor separou as terapias exploradas e dividiu conforme os resultados obtidos agrupando-as em: terapias recomendadas, terapias recomendadas com monitoramento e terapias para evitar. Sendo assim as intervenções foram classificadas de acordo com sua eficácia e segurança e os resultados obtidos como o método ABA (Análise de Comportamento Aplicada), a melatonina melhorou a qualidade do sono do paciente, a terapia ocupacional, e a terapia sensorial foram intervenções classificadas como recomendadas, pois possui evidências mais sólidas. Outras intervenções, como a musicoterapia e o neurofeedback, também apresentaram alguns benefícios no comportamento e na cognição. Já intervenções que inclui dietas restritivas e uso de suplementação vitamínica, tem menores recomendações e o uso deve ser monitorado para avaliar sua eficácia e evitar potenciais riscos. A oxigenoterapia hiperbárica, a quelação e a secretina foram classificadas como terapias para serem evitadas, pois não obteve nenhum resultado na melhora dos sintomas do TEA.

Já o autor MONDAL e *tal.*, (2023), investigou as abordagens não farmacológicas como alternativas complementares para o controle dos sintomas do Transtorno do Espectro Autista (TEA). No estudo, foram exploradas intervenções onde obtiveram bons resultados utilizando intervenções não farmacológicas que ajudaram a controlar os sintomas do TEA, incluindo abordagens nutricionais, fotoquímicos dietéticos, medicamentos fitoterápicos, diferentes hormônios e microbiomas, demonstrando que algumas dessas intervenções podem atuar de forma eficiente e segura na redução dos sintomas do TEA. O autor também abordou a necessidade de pesquisas multidisciplinares mais aprofundadas, com foco em técnicas de administração de medicamentos no cérebro e em ensaios clínicos rigorosos para garantir a eficácia dessas intervenções antes que possam ser de fato

recomendadas como alternativas viáveis aos medicamentos aprovados pelo FDA, como risperidona e aripiprazol.

No estudo de LEVY; HYMAN., (2008), abordaram uso de Medicina Complementar e Alternativa (CAM) em conjunto com a prática médica tradicional, para analisar e entender seu impacto na saúde dos pacientes. O estudo em questão analisou técnicas de terapia mente-corpo e suplementação alimentar onde obtiveram alguns resultados, porém outras terapias citadas no artigo como a secretina o oxigênio hiperbárico, quelação, terapias imunológicas, antibióticos e antifúngicos não alcançaram total confirmação de eficácia por escassez de estudo. Já as práticas manipulativas e corporais como quiropraxia e massagem craniossacral e integração auditiva mesmo que vise melhorar o déficit de processamento auditivo e concentração, não apresentaram evidências de eficácia para o tratamento do autismo, e a medicina energética não apresentou nenhum relato de eficácia com a eletroestimulação transcraniana para sintomas do autismo. A pesquisa destacou que, embora algumas práticas de CAM, como a secretina, tenham sido rejeitadas por falta de evidências, outras, como a melatonina, têm suporte emergente e mostram potencial para complementar tratamentos tradicionais. No entanto, a maioria das intervenções de CAM ainda carece de estudos mais aprofundados, o uso dessas terapias sem a devida investigação pode acarretar efeitos colaterais indesejados, como atrasos em tratamentos comprovadamente eficazes.

Segundo AKINS *et al.*, (2010), as terapias complementares e alternativas (CAM) para crianças com transtorno do espectro autista (TEA) analisadas nesse artigo usaram bases de evidências, afim estudar e compreender a eficácia da terapia mente-corpo, práticas baseadas na biologia, práticas manipulativas, medicina energética e sistemas médicos completos. Os resultados obtidos mostram que embora o uso de algumas terapias seja seguro não são totalmente eficazes, exigindo uma abordagem cuidadosa na sua avaliação. O artigo também abordou a importância de profissionais de saúde envolverem as famílias nas discussões sobre o uso dessas terapias para familiarizar os pais com conceitos de evidências e práticas de pesquisa básica para alertá-los sobre os potenciais vieses, como o efeito placebo e a expectativa de melhoria natural no desenvolvimento infantil, que podem confundir a interpretação dos resultados dos tratamentos. Esse entendimento evita a adoção de terapias ineficazes ou potencialmente prejudiciais.

HOPF, MADREN e SANTIANNI., (2016), abordaram no estudo que o uso de Medicina Alternativa e Complementar (CAM) entre pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é significativamente prevalente, com 80,9% dos participantes relatando ter utilizado algum tipo de CAM para auxiliar no manejo dos sintomas dos filhos, sendo os tratamentos CAM mais utilizados incluíram multivitamínicos, dietas sem glúten e caseína, e injeções de metil B-12, os quais mostraram alta adesão entre as famílias, com proporções superiores às observadas em pesquisas anteriores, também obtiveram resultados favoráveis ao investigar a eficácia percebida de terapias como a integração sensorial, melatonina e biofeedback, as quais foram bem avaliadas pelos pais no auxílio ao tratamento de sintomas específicos do TEA. Observa-se também que o uso de medicamentos antifúngicos, apesar de ser um uso off-label, foi classificado como eficaz para o tratamento de problemas gastrointestinais frequentemente associados ao autismo, como o crescimento excessivo de *Candida*, reforçam também que o uso de terapias como melatonina é comum entre famílias de crianças autistas, especialmente para ajudar no início do sono e em distúrbios do sono, que afetam uma porcentagem significativa dessa população. Entretanto, o estudo também destaca algumas limitações no uso de

CAM, ressaltando a ausência de validação dos instrumentos de pesquisa e a predominância de amostras homogêneas, limitando a generalização dos resultados, indicando a necessidade de mais investigações clínicas controladas para avaliar a eficácia e segurança de tais terapias.

Já no estudo de URINOVSKY e CAFIERO., (2022), observaram que terapias alternativas como musicoterapia, terapia com animais, exercícios físicos e acupuntura podem proporcionar certos benefícios para os sintomas do TEA. No entanto, esses estudos muitas vezes apresentam limitações, como baixa qualidade metodológica e conclusões inconclusivas, sendo assim é fundamental que essas terapias sejam complementares e não substituam intervenções baseadas em evidências, como as terapias comportamentais e educativas, que possuem respaldo científico. No estudo também aborda sobre crenças dos pais no desenvolvimento dos seus filhos e como suas interpretações pessoais influenciam diretamente nas decisões de tratamento para o Transtorno do Espectro Autista (TEA), essas crenças muitas vezes são moldadas por experiências com o sistema de saúde e pela busca de informações alternativas sobre intervenções, fazendo com que a persistência dos sintomas principais do TEA, aliados à falta de tratamentos médicos totalmente eficazes, levem os pais e responsáveis a buscarem abordagens variadas, incluindo terapias não convencionais. Por exemplo, algumas famílias optam pela tomografia computadorizada como parte do tratamento, apesar da falta de evidências que comprovem benefícios terapêuticos significativos para essa prática. Os autores também ressaltam que o prognóstico do TEA tende a melhorar significativamente com o diagnóstico precoce e com a implementação de abordagens educativas centradas na família, direcionadas a aspectos funcionais da criança e a importância. Essa abordagem integrada ajuda no desenvolvimento de habilidades adaptativas e melhora a qualidade de vida tanto dos indivíduos com TEA quanto de suas famílias.

Dentre os resultados de todos os estudos comentados, também foi encontrado no estudo de VIANA *et al.*, (2020) resultados na integração de práticas complementares, como musicoterapia, yoga, equoterapia, e outras abordagens mente-corpo, que promoveram benefícios importantes no desenvolvimento motor, cognitivo e emocional de crianças com TEA. Conforme o estudo, observa-se que a identificação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é frequentemente realizada de maneira tardia, em parte devido à falta de capacitação dos profissionais de saúde para investigar sinais e sintomas sugestivos do autismo. Destacasse também a que as terapias complementares são importantes no tratamento de indivíduos com TEA, as quais aceleram o desenvolvimento físico, motor e comunicativo, contribuindo para uma inclusão social mais efetiva. O estudo também obteve bons resultados utilizando técnicas como ludoterapia e psicomotricidade, que, além de promoverem o desenvolvimento psicológico e social, incentivam o vínculo social e a autonomia do indivíduo portador de TEA.

#### 4. Discussão

A análise realizada sobre as terapias complementares e alternativas como forma de tratamento revelou alguns pontos importantes. Primeiramente, observou-se que a utilização dessas terapias tem sido cada vez mais procurada pelas famílias como uma maneira de melhorar a qualidade de vida das crianças, complementando os tratamentos convencionais. Isso ocorre, principalmente, devido à busca por intervenções que minimizem os efeitos adversos dos tratamentos farmacológicos e por abordagens que atuam no desenvolvimento integral do indivíduo, com foco na melhoria dos desenvolvimentos motores, sensoriais e emocionais.

No entanto, uma das principais limitações observada foi a carência de estudos, pesquisas e a escassez de evidências que comprovem a total eficácia dessas terapias. Apenas um número reduzido de estudos atendeu aos critérios rigorosos de avaliação científica, o que dificulta a generalização dos resultados e aponta para a necessidade de mais pesquisas nessa área já que muitas das pesquisas disponíveis são limitadas por amostras pequenas, falta de padronização nos métodos de avaliação e ausência de grupos controle. Essa constatação está alinhada com as observações de (MONDAL *et al.*, 2023), que apontam que, apesar da popularidade crescente das terapias alternativas, ainda faltam estudos clínicos bem controlados para validar a eficácia dessas abordagens.

No conjunto de dados avaliados, ficou claro que a combinação entre terapias convencionais e alternativas tem potencial para promover melhorias significativas no bem-estar e nas capacidades funcionais de indivíduos com TEA, mas é necessário maior rigor na avaliação de sua eficácia para consolidá-las como tratamentos de primeira linha, os estudos qualitativos indicam que, quando integradas aos tratamentos convencionais, essas terapias complementares podem desempenhar um papel significativo no manejo de sintomas do TEA, especialmente quando personalizadas às necessidades individuais de cada paciente

Outro aspecto relevante discutido é a individualização do tratamento. O TEA se manifesta de maneira diversa entre os indivíduos, com uma ampla variabilidade de sintomas e necessidades. Isso torna crucial que as intervenções sejam adaptadas às particularidades de cada paciente, tanto no que se refere às terapias convencionais quanto às alternativas (KLEIN *et al.*, 2016). A personalização das intervenções é essencial para maximizar os benefícios e minimizar os riscos associados, pois nem todas as crianças responderão da mesma maneira a cada terapia.

A análise dos dados também sugere que, para muitas famílias, o uso de terapias complementares vai além da expectativa de tratar sintomas específicos, como irritabilidade ou problemas gastrointestinais. Há um desejo de promover uma melhoria global no bem-estar da criança, proporcionando a ela uma maior autonomia, inserção social e uma vida mais plena (HOPF, MADREN e SANTIANNI, 2016). Nesse contexto, as terapias complementares podem desempenhar um papel importante, especialmente quando combinadas com práticas convencionais.

Por outro lado, embora muitas famílias relatem melhorias, é fundamental que os profissionais de saúde orientem os pais a respeito dos riscos e benefícios de cada intervenção, baseando-se nas evidências científicas disponíveis. A medicina complementar e alternativa deve ser vista como um suporte, e não como uma substituição aos tratamentos convencionais (LEVY; HYMAN, 2008).

Embora as terapias complementares e alternativas apresentem um grande potencial para auxiliar no tratamento do TEA, a falta de evidências conclusivas impede que essas abordagens sejam amplamente recomendadas como substitutas dos tratamentos convencionais. O presente estudo ressalta a importância de novas pesquisas com maior rigor metodológico, que possam avaliar a real eficácia dessas intervenções e garantir que os pacientes com TEA tenham acesso a tratamentos seguros e eficazes. A individualização do tratamento, aliada a uma integração equilibrada entre medicina tradicional e práticas complementares, parece ser a chave para oferecer aos indivíduos com TEA uma abordagem terapêutica mais completa e eficaz.

## 5. Conclusão

Esta revisão bibliográfica foi realizada com intuito de destacar a crescente relevância das terapias complementares e alternativas no tratamento de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Embora o tratamento tradicional, focado em terapias convencionais como a terapia da fala, ocupacional e intervenções comportamentais, continue sendo a abordagem padrão, a busca por tratamentos complementares necessita de uma abordagem mais personalizada, sendo também uma forma de somar com o uso de medicações.

Os estudos analisados indicam que essas intervenções, quando aplicadas em conjunto com terapias convencionais, podem trazer impactos positivos no desenvolvimento e na qualidade de vida dos indivíduos com TEA. No entanto, observou-se que a eficácia e a segurança de algumas dessas terapias ainda carecem de validação científica rigorosa, o que torna essencial a condução de mais pesquisas controladas e com metodologias robustas para assegurar que seu uso seja seguro e eficaz. Outro aspecto relevante identificado é a necessidade de individualizar as intervenções, considerando a diversidade e a variabilidade dos sintomas do TEA. Esse ajuste personalizado possibilita maximizar os benefícios para cada paciente, minimizando riscos e respeitando as especificidades de cada caso. Nesse sentido, profissionais de saúde desempenham um papel fundamental, não só no uso das terapias mais indicadas, mas também no fornecimento de informações para as famílias, orientando-as sobre a importância de uma abordagem equilibrada e baseada em evidências.

Conclui-se, portanto, que a integração entre tratamentos convencionais e práticas complementares representa um caminho promissor para o atendimento mais holístico e inclusivo de indivíduos com TEA. Para consolidar essa integração, é imprescindível o avanço das pesquisas científicas sobre terapias alternativas, assim como a capacitação dos profissionais de saúde, com o objetivo de oferecer um suporte seguro e bem fundamentado para as famílias. Dessa forma, será possível promover o desenvolvimento integral dos indivíduos com TEA, melhorando sua autonomia, inserção social e bem-estar.

## Referências

- Klein, N., & Kemper, K. J. (2016). Integrative approaches to caring for children with autism. *Current Problems in Pediatric and Adolescent Health Care*, 46(6), 195-201. <https://doi.org/10.1016/j.cppeds.2015.12.004>
- Mondal, A., Sharma, R., Abiha, U., Ahmad, F., Karan, A., Jayaraj, R. L., & Sundar, V. (2023). A spectrum of solutions: Unveiling non-pharmacological approaches to manage autism spectrum disorder. *Medicina (Kaunas)*, 59(9), 1584. <https://doi.org/10.3390/medicina59091584>
- Levy, S. E., & Hyman, S. L. (2008). Complementary and alternative medicine treatments for children with autism spectrum disorders. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America*, 17(4), 803-820. <https://doi.org/10.1016/j.chc.2008.06.004>
- Akins, R. S., Angkustsiri, K., & Hansen, R. L. (2010). Complementary and alternative medicine in autism: An evidence-based approach to negotiating safe and efficacious interventions with families. *Neurotherapeutics*, 7(3), 307-319. <https://doi.org/10.1016/j.nurt.2010.05.002>

- Hopf, K. P., Madren, E., & Santianni, K. A. (2016). Use and perceived effectiveness of complementary and alternative medicine to treat and manage the symptoms of autism in children: A survey of parents in a community population. *Journal of Alternative and Complementary Medicine*, 22(1), 25-32.  
<https://doi.org/10.1089/acm.2015.0163>
- Urinovsky, M. G., & Cafiero, P. J. (2022). Tratamientos alternativos y/o complementarios en pacientes con trastorno del espectro autista / Alternative and/or complementary treatments in patients with autism spectrum disorder. *Medicina Infantil*, 29(2), 139-145.
- Viana, Á. L. O., Silva, A. B., Lima, K. B. B., Souza, M. V., & Borges, V. G. R. (2020). Práticas complementares ao transtorno do espectro autista infantil: Revisão integrativa da literatura / Complementary practices to child autistic spectrum disorder: Integrative literature review. *Enfermagem em Foco (Brasília)*, 11(6), 48-56.